

Cinco poemas de Marcos A. Ramos

Alguns poemas do livro **O corpo de uma linha**, de Marcos A. Ramos [1].

[no excerto da fala oculta]

enquanto o tenso paladar
sempre plástico adoece
sigilosamente a palavra

tato. a febre arde exata
no excerto da fala oculta

[escapa à intenção]

não existe o âmago do que habita
subsiste (na órbita em que se insere) o peso
da morada. escapa à intenção do pulso
romper o lugar seguro que detém o corpo
prometido. um recipiente
(máquina pneumática)
se infla de ausências para atravessar a rua
desenhar no vulto da memória o rosto dissonante

reconhecer a mãe
reconhecer o pai

[a máquina sem mundo]

um grito mínimo
exala o árido som
da falta reincidente

– anêmica
a máquina sem mundo
inscrita na gravidade da contravida

vive

[o paladar sempre ausente]

há uma corda estendida
que aproxima a cor do verso
do paladar sempre ausente

não há metáfora que suporte a liquidez
da palavra anorexia. nem o peso
da permanência do excessivo

silêncio
mais uma vez intacto

[habitar a palavra inércia]

quando o passo febril
congestionava o ímpeto de prosseguir
na seqüência do indizível
a ausência de direção
evita passos de continuar exata

– há um incessante desconforto
em habitar a palavra inércia

[dedo mínimo]

a)
o dedo mínimo
inscreve em asfalto
a tensa armadilha
de dizer mais
– além

inaugura o verso em vigília
insalubre ensejo
em que pára
– uma vez mais
o tempo da fome evasiva.

b)
o dedo mínimo
(tenro pulsar de um desespero
restituído)
em superfície porosa
antecipa o som monocórdico
– precário
no torso de uma fina
guia esculpida em frio tilintar

melodia febril
viçosa
– sólida

c)

o ventre que já não oculta
qualquer perene sensação
aponta aparente necessidade:
um ritmo tenaz
estreito movimento de habitar
o passo fulgurante
– a casa

longe do toque sutil
da visível fragilidade
atravessar a calçada
em procura inebriada
pelo difícil prazer
se desprender de um trapo
– armadilha

d)

o dedo mínimo
(arguta concisão
de penúria em riste)
arrisca o passo estouvado:
se descobrir da pele

ir além da cancela que separa
o tato.
(ninguém que fora a vertigem
cheia do sabor da passagem
cheia do des-
sabor da nudez)

trépido insuspeito
atravessar a calçada onde não há margem
– onde não há volta

[1] Marcos A. Ramos nasceu em 1988, é graduando em Letras-Português na Universidade Federal do Espírito Santo, em Psicologia na FAESA – Faculdades Integradas Espírito-Santenses e integra, desde 2006, o grupo de pesquisa *Literatura e outros sistemas de significação*. *O corpo de uma linha* é seu livro de estréia.